

FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ  
CURSO BACHARELADO EM ENFERMAGEM

REGINALDO SOARES LIMA

**PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL PARA A PREVENÇÃO  
DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA**

MOSSORÓ/RN

2021

REGINALDO SOARES LIMA

**PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ- NATAL PARA A PREVENÇÃO  
DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA**

Monografia apresentada à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN) como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>: Dra. Fabíola Chaves Fontoura

MOSSORÓ/RN

2021

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.  
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

L732p Lima, Reginaldo Soares.

Práticas de educação em saúde no pré-natal para a  
prevenção do vírus da imunodeficiência humana / Reginaldo  
Soares Lima. – Mossoró, 2021.

45 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Chaves Fontoura.  
Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de  
Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Educação em saúde. 2. Pré-natal. 3. HIV. I. Fontoura,  
Fabíola Chaves. II. Título.

CDU 618.2+616.97

REGINALDO SOARES LIMA

**PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL PARA A PREVENÇÃO  
DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA**

Monografia apresentada à Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró (FACENE/RN) como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em: 29/11/2021

**BANCA EXAMINADORA**

*Fabiola Chaves Fontoura*

---

Prof.<sup>a</sup>: Dra. Fabíola Chaves Fontoura  
Orientadora

*Joseline Pereira Lima*

---

Profa. Me. Joseline Pereira Lima  
Membro (FACENE/RN)

*Ana Beatriz de Oliveira Fernandes*

---

Profa. Esp. Ana Beatriz de Oliveira Fernandes  
Membro (FACENE/RN)

MOSSORÓ/RN

2021

A Deus e Nossa Senhora  
Aos meus pais, Francisco Soares e Maria de Lourdes

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus e Nossa Senhora de Fátima** que sempre estiveram presentes em todos os momentos, guiando meus passos e me orientando qual melhor caminho a seguir para superar os obstáculos da vida, além de me proporcionarem muitas alegrias e conquistas.

Aos meus pais, **Francisco Soares Rodrigues e Maria de Lourdes de Lima Rodrigues**, por todo o esforço e sacrifício em todos esses anos que me permitiram chegar a este momento. Dedico a vocês esta conquista! Amo muito vocês.

Aos meus irmãos **Renata Lima e Regiano Lima**, por desde sempre compartilharem os momentos de alegrias e dificuldades e por nunca terem desistido de mim.

Aos meus cunhados **Cristiano Sena e Daniely Araújo**, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim ao longo de toda graduação. Gratidão!

À toda minha família, tios, primos e avós. Seja dos **Lima** ou dos **Rodrigues**, sou eternamente grato pela base familiar.

Aos meus companheiros de faculdade, **Nívia Waleska, Narla Cibele, Fernanda Fyamme, Palloma Holanda, Rafaela Mayara, Amanda Kirschner, Janes Monteiro, Renata Fernandes, Vitória Milena, Luane Freitas, Nonato Alencar e Allison Silva**. Sou infinitamente grato por encontrar pessoas como vocês que me fizeram ter outra visão da enfermagem e renovam minha vontade de ser enfermeiro. Obrigado!!!

Aos meus amigos de vida que contribuíram na construção de quem eu sou e que tornaram os dias mais divertidos: **Talyta Oliveira, Valdirene Oliveira, Maciel Ribeiro, Valkiele Oliveira, Kenned Alexandre, Edna Oliveira, Thaisy Sousa, Edilson Lima, Fabiana Queiroz, Alan Caio, Amanda Caroline e Luana Gabriella**.

A meu grande amigo **Estenio Ribeiro** (*in memoriam*), ao seu lado eu construí lindas memórias e são elas que agora aquecem meu coração gelado de saudades suas, amigo. Obrigado por tudo.

Aos meus **professores** da graduação que me influenciaram e são exemplos do profissional que aspiro ser. Em especial aos professores **Jessica Costa, Evilamilton Gomes, Sibebe Lima, Lívia Helena, Fabíola Fontoura, Joseline Lima e Ana Beatriz**. Seja do departamento de enfermagem da FACENE, seja de outro departamento, de maneira geral, fui cercado de bons mestres e me considero sortudo por isso.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. **Fabíola Chaves Fontoura** pela orientação e por compartilhar um pouco de sua brilhante visão científica.

As professoras da banca examinadora Prof.<sup>a</sup> Me. **Joseline Pereira Lima** e Prof.<sup>a</sup> Esp. **Ana Beatriz de Oliveira Fernandes**, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao **Ministério da Educação**, pela criação de políticas públicas e implementação do Programa Universidade para Todos – PROUNI, do qual permitiu meu ingresso na faculdade como bolsista 100% e iniciar minha tão sonhada trajetória acadêmica em busca de uma vida melhor e mais digna.

Por fim, à **FACENE RN**, por me oferecer o suporte que tive durante meu curso e ser uma das mais conceituadas no quesito saúde em todo o estado do Rio Grande do Norte.

## RESUMO

A Educação em Saúde é um instrumento útil a ser utilizado no processo de ensino que cerca a assistência de enfermagem empregada como um meio facilitador no pré-natal para promover conhecimento e a prevenção precoce da transmissão do vírus do HIV. Portanto, a pesquisa teve como objetivo descrever as práticas de educação em saúde realizadas no pré-natal para a prevenção do HIV, de acordo com as publicações científicas. Tratou-se de uma revisão integrativa de literatura nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), de setembro a outubro de 2021, a partir da combinação dos descritores: “educação em saúde”, “pré-natal” e “HIV”, conforme os Descritores em Ciências da Saúde, sendo estes combinados por meio do operador booleano “AND”, entrecruzados com os descritores citados. Foram trabalhados artigos originais dos últimos 05 anos (2016 a 2021), publicados no idioma português, e que abordara a temática em questão. Já os critérios de exclusão foram teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, editoriais, cartas ao leitor e produção duplicada. Os dados coletados foram explanados em quadros contendo as seguintes informações relevantes: periódico/ano, título do artigo, os autores, o método, o objetivo do artigo, a base de dados e os principais desfechos. Os resultados foram separados didaticamente em dois tópicos de acordo com o tipo de abordagem educativa desenvolvida em cada trabalho: uso das tecnologias leves para a prevenção do HIV e o uso das tecnologias duras para a prevenção do HIV. Os estudos mostram que muitas intervenções educativas são realizadas através de grupos de gestantes, rodas de conversas, jogos educativos, cartilhas e vídeos implementados para as gestantes já infectada com foco na prevenção da transmissão vertical do HIV, e não diretamente no pré-natal, havendo a necessidade do fortalecimento dessas atividades de forma precoce desde o início do pré-natal para evitar a contaminação tanto da mãe, como no bebê.

**Palavras-chaves:** Educação em Saúde; Pré-natal; HIV.

## ABSTRACT

Health Education is a useful instrument to be used in the teaching process that surrounds nursing care used as a facilitating means in prenatal care to promote knowledge and the early prevention of the transmission of the HIV virus. Therefore, the research aimed to describe the health education practices carried out in prenatal care for the prevention of HIV, according to scientific publications. This was an integrative literature review in the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and Virtual Health Library (VHL) databases, from September to October 2021, from the combination of the descriptors: "health education", "prenatal" and "HIV", according to the Descriptors in Health Sciences, which are combined by means of the Boolean operator "AND", crossed with the descriptors cited. Original articles from the last 05 years (2016 to 2021), published in Portuguese, and which addressed the subject in question, were worked on. The exclusion criteria were theses, dissertations, course conclusion works, editorials, letters to the reader and duplicate production. The collected data were explained in tables containing the following relevant information: journal/year, article title, authors, method, article objective, database and main outcomes. The results were didactically divided into two topics according to the type of educational approach developed in each work: the use of soft technologies for HIV prevention and the use of hard technologies for HIV prevention. Studies show that many educational interventions are carried out through groups of pregnant women, conversation circles, educational games, booklets and videos implemented for pregnant women already infected with a focus on preventing vertical transmission of HIV, and not directly in prenatal care the need to strengthen these activities early, from the beginning of prenatal care, to avoid contamination of both the mother and the baby.

**Keywords:** Health Education; Prenatal; HIV.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência adquirida

APS – Atenção Primária à Saúde

AZT - Zidovudina

BVS - Biblioteca Virtual de Saúde

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem

ESF - Estratégia da Saúde da Família

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

HSV – Herpes Simples Vírus

IVC – Índice de Validade de Conteúdo

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MS – Ministério da Saúde

PHPN - Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento

PN – Pré-natal

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação

SUS – Sistema Único de Saúde

TARV - Terapia Antirretroviral

UBS – Unidade Básica de Saúde

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1.** Descrição dos periódico/ano, títulos, autoria, método, objetivos e principais desfechos publicados nas bases de dados SCIELO, BVC E LILACS. Mossoró, 2021.

**Quadro 2.** Descrição dos periódicos/ano, títulos, base de dados e principais desfechos dos artigos publicados nas bases de dados SCIELO, BVC E LILACS. Mossoró, 2021.

## LISTA DE FIGURA

**Figura 01.** Fluxograma utilizado na seleção dos artigos.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>16</b>
2.1 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA TECNOLOGIA PARA A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM .....	16
2.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL .....	18
2.3 HIV NA GESTAÇÃO .....	20
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>23</b>
<b>4. RESULTADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	<b>31</b>
5.1 USO DAS TECNOLOGIAS LEVES PARA A PREVENÇÃO DO HIV NO PRÉ-NATAL .....	31
5.2 USO DAS TECNOLOGIAS DURAS PARA A PREVENÇÃO DO HIV NO PRÉ-NATAL .....	35
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um processo educativo de formação de conhecimentos em saúde que visa a contribuição da autonomia das pessoas no seu cuidado, a fim de alcançar uma atenção à saúde de forma integral, de acordo com suas necessidades (BRASIL, 2012).

O conceito de educação em saúde está relacionado aos conceitos de educação e saúde. Com isso, pode ser assimilado como uma mera transmissão de informações em saúde utilizando diferentes tecnologias de saúde como ferramentas para a promoção desta (SALCI et al., 2013).

Dentre as profissões voltadas à área da saúde tem-se o profissional de enfermagem como educador, onde deve participar de atividades que visam satisfazer as necessidades de saúde da população, na busca por estabelecer uma relação singular com a pessoa, família e comunidade, e com o objetivo de criar um vínculo através do diálogo, valorização das suas crenças e vivências do usuário, contribuindo para a prevenção de doenças e para a promoção da saúde (SILVA et al., 2012).

Desta forma, o enfermeiro encontra-se apto a realizar atividades de educação em saúde em diversas áreas de atendimento à população. Durante o pré-natal, por exemplo, as práticas educativas são de extrema importância, visto que é nesse período que a mulher vivencia uma gama de sentimentos acerca das modificações físicas e psicológicas durante todo ciclo gravídico-puerperal. Dessa forma, o enfermeiro deve assumir o protagonismo enquanto educador para compartilhar saberes e elaborar estratégias facilitadoras, na busca em reduzir a falta de acesso as informações e oferecer a essas mulheres, uma reflexão para decidir comportamentos saudáveis na gestação (LIMA et al., 2018).

Além disso, durante o pré-natal, os profissionais da saúde trabalham na perspectiva de oferecer uma assistência na preservação da saúde da gestante e do concepto. Nesse sentido, o enfermeiro, enquanto membro da equipe de saúde, pode ofertar cuidados voltados para a prevenção de doenças, promoção e tratamento de problemas que possam surgir no período gestacional e após o parto (SEHNEM et al. 2020).

Existem diversas doenças que podem acometer a mãe e o feto durante o período gestacional e isso acontece em decorrência das modificações no sistema imunológico, que predis põem a gestante e o feto à doenças infecciosas como por exemplo: a sífilis, a sífilis congênita, infecção pelo papilomavírus humano (HPV), hepatites virais, toxoplasmose, herpes simples vírus (HSV), vaginose bacteriana e o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Entre as patologias citadas, algumas podem ser transmitidas para o feto por meio da transmissão vertical,

como é o caso do HIV, onde diversos aspectos devem ser levados em consideração devido fatores virais (o risco da transmissão vertical aumenta conforme o aumento da carga viral da gestante), fatores imunológicos, comportamentais, obstétricos, fatores relacionados ao recém-nascido, ao aleitamento materno, a profilaxia e seu tratamento antirretroviral (BRASIL, 2010).

O HIV é transmitido através do contato de líquidos contaminados em alguma área do corpo vulnerável à invasões, seja por meio da relação sexual, transfusão sanguínea, transmissão vertical, amamentação e contaminação ocupacional. Os principais sinais e sintomas que se manifestam é a sudorese, hipertermia, cefaleia, fadiga, faringite, exantemas, gânglios linfáticos aumentados, diarreia, emagrecimento e prurido. Em relação as fases da infecção pelo HIV, sua evolução é variável e depende da carga viral e do estado imunológico do indivíduo, sendo essas: fase aguda, fase de latência clínica, fase sintomática inicial e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) propriamente dita (BARROS et al., 2012).

No que tange às gestantes com HIV deve-se atentar aos cuidados durante esse período gravídico devido seu potencial risco de contaminação e transmissão. De acordo com Rego *et al.*, (2016), a infecção pelo vírus HIV atinge, principalmente, mulheres em idade reprodutiva entre 15 a 49 anos de idade, ou seja, em idade fértil. E em relação ao poder de contaminação da mãe para o feto (transmissão vertical), os dados evidenciam que quando não há nenhuma intervenção, as taxas de transmissão se situam entre 25 a 30%.

Nesse sentido, a infecção pelo HIV é um grave problema de saúde pública de caráter pandêmico com evolução letal quando não tratado. Além disso, a doença é cercada de estereótipos morais e sociais que podem afetar os aspectos psicológicos, familiares, afetivos, sociais e profissionais da pessoa infectada (SANTOS; CARVALHO, 2019).

No contexto brasileiro, no período de 2000 até junho de 2020, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 134.328 gestantes infectadas com HIV. Verificou-se que 37,7% residiam na região Sudeste, seguida pelas regiões Sul (29,7%), Nordeste (18,1%), Norte (8,6%) e Centro-Oeste (5,8%). Já no ano de 2019, foram identificadas 8.312 gestantes infectadas, sendo 32,8% no Sudeste, 26,6% no Sul, 22% no Nordeste, 12,5% no Norte e 6% no Centro-Oeste (BRASIL, 2020). Esses dados permitem inferir a necessidade de se trabalhar educação em saúde no pré-natal, na tentativa de minimizar a prevalência do HIV nesta população.

Apesar dos inúmeros programas e políticas públicas de saúde voltados para as gestantes, consoante o Ministério da Saúde (MS), e que se percebe a partir da Estratégia Saúde da Família, ainda vê-se na literatura científica os índices elevados de infecção pelo HIV em todo território brasileiro. Dessa forma, a aproximação do pesquisador com a temática decorreu-se do interesse

em compreender as possíveis fragilidades encontradas quanto às práticas de educação em saúde para a população de gestantes visando destacar possíveis medidas de controle do HIV nesse público e conseqüentemente em seus recém-nascidos.

Além disso, durante a vivência acadêmica do pesquisador na disciplina de Saúde do Adulto II, onde estuda-se o conteúdo à respeito das infecções sexualmente transmissíveis, despertou um interesse maior em aprofundar os conhecimentos sobre essas doenças, em especial o HIV, com ênfase na saúde da mulher.

Portanto, esse trabalho mostra-se relevante, pois os profissionais que trabalham diretamente com as gestantes mais vulneráveis a se contaminar com o HIV, poderão implementar a educação em saúde, a partir das evidências destacadas nesta pesquisa, como forma de traçar melhores estratégias para a prevenção da transmissão desse vírus, principalmente durante esse período gravídico, a fim de minimizar os possíveis riscos à estas gestantes e aos seus recém-nascidos. Além disso, esse estudo mostra-se de grande importância pois as mulheres uma vez conscientizadas, as chances de adoecimento diminuí evitando dessa forma a contaminação do seu bebê, bem como ainda agregará para uma futura pesquisa no meio acadêmico sobre essa prática de prevenção de forma oportuna.

Diante do exposto, surgiu a seguinte questão norteadora da pesquisa: Quais as ações de educação em saúde realizadas no pré-natal para a prevenção do HIV e como são desenvolvidas, de acordo com as publicações científicas?

A dificuldade e a realização de um pré-natal tardio pode ocasionar diversos resultados negativos para a mãe e o feto. Diante disso, acredita-se que as práticas de educação em saúde realizadas pelo profissional enfermeiro no pré-natal são atividades recreativas que ajudam na compreensão e proporciona um melhor resultado na saúde da gestante. Ferramentas como cartilhas, rodas de conversas, grupos de gestantes, uso de aplicativos, palestras, campanhas educativas, jogos educativos, entre outros, podem ser utilizadas de maneira precoce e constante para a redução da prevalência de infecção do HIV no binômio mãe-feto.

Diante disso, o objetivo do trabalho é descrever as práticas de educação em saúde realizadas no pré-natal para a prevenção do HIV, de acordo com as publicações científicas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA TECNOLOGIA PARA A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

As práticas educativas desenvolvidas no campo da saúde têm sido nomeadas de diferentes formas, as quais estão relacionadas à história da Educação e da Saúde. No Brasil, no início do século XIX, o discurso do higienismo associou-se à ideia da “educação sanitária” que cumpria o papel de controle da sociedade, tanto no que diz respeito às questões sanitárias, quanto aos aspectos referentes ao dia-a-dia das famílias mais carentes. Essa ideia era perpassada pela concepção de que as classes pobres estavam sujeitas a desenvolver vários tipos de doenças e isso fez com que houvesse a necessidade de uma abordagem educativa a esse público por profissionais da saúde (ACIOLI, 2008).

Na sociedade moderna, o advento da globalização trouxe importantes mudanças nas áreas da economia, políticas, culturais e tecnológicas. Essas mudanças levaram as novas possibilidades e desafios que refletiram diretamente no crescimento do campo educacional incorporada como uma estratégia de ensino e como uma importante ferramenta para incentivar e desenvolver projetos ativos de aprendizagem (TIBES et al., 2017).

No contexto do cuidado da enfermagem, as tecnologias vêm sendo programadas e implementadas levando em consideração a necessidade de definir o conhecimento técnico-científico em ferramentas, processos e materiais criados ou utilizados para difundir tal conhecimento e, assim, se afastar o máximo possível de pensamentos simplistas para melhorar a qualidade da assistência (CARVALHO; OLIVEIRA, 2014).

No que se refere a Tecnologia em Saúde, (MEHRY et al., 1997 apud OUCHI et al., 2018), na área da enfermagem a tecnologia é dividida em leve, leve-dura e dura.

As tecnologias leves podem ser definidas como algo que expressa um processo de comunicação, produção de relações subjetivas, criação de vínculos que conduzem ao encontro do usuário com as necessidades de ações de saúde. As tecnologias leve-duras referem aos saberes já estruturados representados através das áreas da clínica médica, odontológica, epidemiológica, entre outros. Já as tecnologias duras caracterizam-se pela utilização do material concreto como equipamentos, mobiliário tipo permanente ou de consumo (OUCHI et al., 2018).

Para atender às transformações constantes da sociedade e o uso correto dessas tecnologias citadas, cada vez mais os acadêmicos e profissionais da enfermagem estão demonstrando

novas estratégias, além das necessárias para a realização das atividades diárias. Acredita-se que os alunos que frequentam a academia fortalecem o desenvolvimento acerca das práticas educativas durante a graduação, levando esse conhecimento para campo nos serviços de saúde na tentativa de buscar soluções conjuntas para os impasses apresentados na realidade encontrada (GIRÃO et al., 2014). Nesse sentido, a educação profissional pode contribuir a promover o desenvolvimento de novas práticas de enfermagem e a implementação de novos recursos proporcionados pelas tecnologias da informação (BARBOSA, 2015 apud TIBES, 2017).

No âmbito da saúde, a estratégia de trabalhar educação em saúde fortalece sua essência que está focada na conscientização, sensibilização e mobilização individual ou coletiva para o enfrentamento de situações que interferem diretamente na qualidade de vida das pessoas (SALCI et al., 2013).

Para atender essa qualidade de vida, o indivíduo precisa saber identificar suas necessidades básicas, adotar mudanças comportamentais, práticas e atitudes, além de dispor dos meios necessários à operacionalização dessas mudanças. Nesse interim, a educação em saúde irá contribuir na autonomia para identificar meios que preserve e melhore a qualidade de vida dessa pessoa (SIQUEIRA et al., 2012).

O enfermeiro é um profissional que se depara a todo momento com situações concretas referentes a educação (ALENCAR, 2006). Desse modo, a Enfermagem enquanto ciência, trabalha nas diferentes áreas da gestão, na assistência e também na educação amparada pela Lei nº 7.498/86 que dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem no art. 11, inciso II, define-se como atividade de enfermagem exercida pelo enfermeiro, enquanto integrante da equipe de saúde, a educação visando à melhoria da saúde da população (COFEN, 1986).

Entretanto, para Barreto et al. (2019), apesar de ser conhecida a importância do desenvolvimento de atividades educativas e o papel do enfermeiro nesse processo, vale frisar que alguns profissionais ignoram as práticas educativas por ainda não reconhecer sua importância, e em consequência disso, associa sua imagem apenas no acompanhamento dos programas de saúde e nas atividades gerenciais. Isso nos faz pensar que o enfermeiro e os futuros enfermeiros precisam se distanciar dessa ideia e ter uma visão ampla acerca da sua contribuição como educador.

É fundamental que esse profissional associado a uma equipe multiprofissional, desenvolva a capacidade de promover um maior envolvimento e interação entre os usuários com os profissionais da saúde para a criação de um vínculo entre educadores e educando, possibilitando a confiança e o respeito, o que subsidiará o alcance de uma atenção integral e resolutiva (BARBOSA et al., 2010).

Diante do exposto, pode-se sugerir que as tecnologias educacionais são instrumentos úteis a serem utilizadas no processo de ensino que cerca a assistência de enfermagem, sendo empregadas na educação em saúde como um meio facilitador para promover conhecimento e saúde à população. E além disso, desperta um olhar crítico e investigador do enfermeiro para identificar mecanismos pedagógicos capazes de potencializar essa prática de ensino (SILVA; CARREIRO; MELLO, 2017).

## 2.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PRÉ-NATAL

A gravidez é um momento de muita significação na vida da mulher permeada a valores e transformações únicas que cada mulher irá sentir nesse período. É caracterizada segundo Brasil (2013), por um período de mudanças físicas e emocionais que determinam o acompanhamento do pré-natal, oferecendo respostas e apoio aos sentimentos que por ventura possam surgir, como medo, angústias, dúvidas, fantasias ou, simplesmente, à curiosidade.

Ao considerar a mulher como um ser dotado de necessidades, que devem ser compreendidas e atendidas, alguns conhecimentos devem ser problematizados no pré-natal, parto e puerpério, para assim, melhor conduzi-la para receber seu filho, principalmente nos aspectos biopsicossociais (GUERREIRO et al., 2014).

A realização do pré-natal (PN) exerce papel fundamental na prevenção e/ou detecção precoce de doenças maternas e fetais. O principal objetivo da atenção pré-natal e puerperal é acolher a mulher desde o início da gravidez, garantindo no fim da gestação, o nascimento de uma criança saudável e a garantia do bem-estar materno e neonatal (BRASIL, 2013).

Nesse contexto, o pré-natal é primordial para o acompanhamento e garantia da saúde da gestante e do feto, sendo um instrumento de avaliação da qualidade da Atenção Básica. Dessa forma, a procura precoce da gestante pela assistência pré-natal é determinante para a qualidade e adequação do serviço prestado (BRASIL, 2016).

No ano de 2000, o Ministério da Saúde criou o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN), visando a melhoria do acesso, da cobertura e da qualidade do acompanhamento pré-natal, da assistência integral no parto e puerpério às gestantes e recém-nascidos. Este estabelece os seguintes critérios para se reconhecer uma assistência pré-natal de qualidade:

realizar a primeira consulta de pré-natal até o quarto mês de gestação; realizar, no mínimo, seis consultas de pré-natal, sendo, preferencialmente, uma no primeiro trimestre, duas no segundo e três no terceiro trimestre de gestação; e

uma consulta no puerpério até 42 dias após o nascimento; exames laboratoriais: ABO-Rh e Hemoglobina/Hematócrito, na primeira consulta; VDRL, Sumário de Urina e Glicemia em jejum, um exame na primeira consulta e outro próximo à trigésima semana de gestação; Oferta de testagem anti-HIV, com um exame na primeira consulta; Aplicação de vacina antitetânica até a dose imunizante do esquema recomendado ou dose de reforço em mulheres já imunizadas (BRASIL, 2002, p. 6).

Esses critérios que o PHPN estabelece funcionam como indicadores para a avaliação e monitoramento da qualidade da assistência prestada. Nesse sentido, faz-se necessário que todos esses indicadores sejam implementados no pré-natal de maneira satisfatória para a melhoria do atendimento utilizando ferramentas que facilitem sua implementação. E um instrumento relevante que auxilia os profissionais da saúde para adquirir tal objetivo é a Educação em Saúde.

Evidentemente, o profissional da saúde assume um grande papel nesta experiência, pois subentende-se que o mesmo é capaz de reconhecer momentos críticos e intervir com seus conhecimentos para proporcionar um bem-estar para a mãe e o bebê. Ao prestar sua assistência, ele deve priorizar sobretudo a humanização para a criação de laços e procurar meios que facilite sua assistência de forma holística (CARDOSO et al., 2019).

A enfermagem desempenha papel crucial na ação educativa em vários ambientes que ofertam saúde, principalmente na Atenção Primária à Saúde (APS), onde é realizada toda a assistência ao pré-natal (ACIOLI, 2008 apud GUERREIRO et al., 2014).

É durante o pré-natal, que um espaço de educação em saúde deve ser criado para que a mulher possa vivenciar a gestação e o parto de forma positiva, integradora e feliz. Neste momento, conforme afirma Souza et al., (2011, p. 200), “o processo educativo é fundamental não só para a aquisição de conhecimento sobre o processo de gestar e parir, mas também para seu fortalecimento como ser e cidadã.”

Nessa perspectiva, associar o cuidado ofertado pelo enfermeiro com as práticas educativas em saúde visa compartilhar práticas e saberes de forma horizontalizada em que o esse profissional desempenhe seu papel de cuidador e educador, agregando ao seu saber-fazer o saber-fazer popular (SILVA; CARREIRO; MELLO, 2017).

Desse modo, é de extrema relevância a criação de espaços para se trabalhar educação em saúde no pré-natal para conseguir uma interação maior entre gestantes e profissionais, e em muitos casos, intervenções junto à família e à comunidade. Nesses espaços, as mulheres podem interagir, ouvirem e falarem suas vivências e experiências acerca da gestação, parto e puerpério. Também é possível estabelecer grupos específicos para gestantes, em sala de espera, atividades

desenvolvidas na comunidade, escolas, entre outros espaços, para troca de ideias e compartilhamentos de saberes dos mais variáveis possíveis na busca de soluções das mais diversas problemáticas (COSTA et al., 2008 apud Cardoso et al., 2019).

### 2.3 HIV NA GESTAÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) caracteriza-se por uma infecção que acomete o sistema imunológico atacando principalmente os linfócitos TCD4+, células fundamentais para a defesa do nosso organismo. Ainda hoje, esse vírus representa um grande desafio para sua redução devido à epidemia da infecção instalada e sua alta taxa de transmissibilidade (BRASIL, 2017).

Desde 1980 até dezembro de 2019, foram notificados no Brasil 349.784 óbitos tendo o HIV e a Aids como causa básica. Em contrapartida, no período de 2009 a 2019, verificou-se uma queda de 29,3% no coeficiente de mortalidade, que passou de 5,8 para 4,1 óbitos por 100 mil habitantes (BRASIL, 2020).

Moura e Faria (2017), destacam em seus estudos que a evolução epidemiológica do HIV no Brasil ocorreu em três fases. A primeira delas foi quando houve as primeiras ocorrências de infecção pelo HIV predominantes em homossexuais, gerando desta forma o conceito de grupos de risco e tendo como consequente uma maior exclusão social destes. A segunda fase ocorreu na mudança do paradigma predominante das doenças nos homoafetivos e começou a ser presente também a heterossexuais, os quais eram contaminados através do uso de drogas injetáveis. Por último, a terceira fase é caracterizada por um grande aumento de casos da infecção em mulheres, ocorrendo a interiorização da Aids e ocasionando os conceitos de vulnerabilidade à doença.

A Terapia Antirretroviral (TARV) para o tratamento da Aids/HIV proposta pelo Ministério da Saúde (MS), tem demonstrado evolução desde sua implementação em 1996. A TARV não se limita apenas destruindo o vírus, como também reduz a carga viral, previne o enfraquecimento do sistema imunológico, e conseqüentemente, evita doenças oportunistas como a tuberculose. Fornece também uma recuperação parcial da imunidade e melhora a qualidade de vida da gestante (BRASIL, 2017).

A mulher que vive com HIV não significa que ela tem Aids, pois a Aids propriamente dita é uma síndrome que ocorre no estágio tardio da infecção pelo HIV. Entretanto, essa mulher é considerada transmissora do vírus podendo disseminar para o feto através da transmissão vertical durante a gravidez, no parto e na amamentação (BRASIL, 2019).

O crescente número de casos de mulheres HIV positivas contribuíram para o incremento nas taxas de transmissão vertical, demonstrando um grande desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil (DOMINGUES; SARACENI; LEAL, 2018).

No público infantil, a transmissão vertical é a principal forma de infecção pelo HIV. A transmissão ocorre na maioria das vezes durante o trabalho de parto, cerca de 65% dos casos, nas últimas semanas de gestação no ambiente intrauterino com 35% de chance de contaminação e no aleitamento materno, representando um risco de 7% a 22% (PASSOS et al., 2013).

O Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza em toda sua rede de assistência, tanto na Atenção Primária à Saúde como nos serviços especializados, o teste rápido de HIV como medida de detecção precoce. Segundo o Ministério da Saúde, a realização do teste rápido na gestação deve ser preferencialmente na primeira consulta de pré-natal e no início do 3º trimestre. Essa recomendação visa proporcionar um pré-natal de qualidade na tentativa de reduzir as chances da transmissão vertical (BRASIL, 2013; PASSOS et al., 2013).

Já em relação a transmissão vertical, o Ministério da Saúde preconiza também várias intervenções profiláticas para serem implementadas desde o pré-natal até o puerpério, das quais podemos citar: diagnóstico precoce da infecção pelo HIV, uso dos medicamentos antirretrovirais na gestação, definição da via de parto, o uso da zidovudina (AZT) endovenosa em todo o período de parto até o clampeamento do cordão umbilical, uso do AZT oral pelo recém-nascido durante as primeiras 24 horas de vida, prolongando o tratamento até a 6ª semana de vida e suspensão da amamentação (BRASIL, 2019).

Muitos desafios são postos para a assistência do enfermeiro à essa gestante soropositiva para obtenção do tratamento adequado. Isso inclui o acesso tardio à testagem rápida para o HIV, falta de implementação de forma integral das medidas de prevenção vertical, despreparo dos profissionais e pouco envolvimento dos mesmos no combate a transmissão. Essa falta de capacitação da equipe de saúde pode influenciar na adesão e no tratamento de forma negativa, levando assim, um maior risco da transmissão vertical (MACHADO et al., 2010).

A Atenção Primária à Saúde (APS) constitui porta de entrada do SUS. Para conseguir prestar sua assistência de forma equânime no cuidado aos pacientes vivendo com HIV, os profissionais de saúde que atuam nesse nível de atenção à saúde precisam atuar na prevenção, promoção e acompanhamento e controle do HIV de forma integral e resolutiva (ARAÚJO et al., 2018).

Cabe ao enfermeiro no momento da consulta com a gestante HIV positiva, propor novas intervenções que promovam a adesão do tratamento, bem como realizar uma escuta acolhedora instruindo a gestante de como deve ser seguido um pré-natal de risco, explicando que a mesma

será referenciada para um Centro de Referência e orientar a gestante a permanecer vinculada a Unidade Básica de Saúde (UBS), pois a assistência de um pré-natal de alto risco é de responsabilidade de todos profissionais que atuam nos três níveis de atenção à saúde (BRASIL, 2019).

A impossibilidade de obter informações sobre a infecção pode gerar expectativas errôneas relativas à prevenção da transmissão do vírus, evolução clínica, e tratamento da doença. Consequentemente, pode aumentar a probabilidade de adoecimento, uma vez que dificulta a compreensão dos danos para a sua saúde e efetivação de mudanças de comportamento (PADDOIN et al., 2011).

Nesse sentido, estudos mostram que a educação em saúde é o meio eficaz para a profilaxia da contaminação do HIV em gestantes. O seu uso vem se tornando cada vez mais presente nos serviços de saúde por serem rápidas e dinâmicas, promovendo informações pertinentes a promoção da saúde e prevenção de agravos (SILVA; CARREIRO E MELLO, 2017).

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo caracterizou-se como um estudo bibliográfico utilizando-se da revisão integrativa, método de pesquisa que tem por finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema estudado, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. As etapas percorridas na elaboração do estudo foram: elaboração da pergunta norteadora, amostragem ou busca na literatura dos estudos primários, coleta de dados, análise dos dados, discussão dos dados e apresentação da revisão (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para responder a pergunta norteadora “Quais as ações de educação em saúde realizadas no pré-natal para a prevenção do HIV e como são desenvolvidas, de acordo com as publicações científicas?” foi realizada uma busca na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de setembro de 2021, a partir de artigos publicados nos últimos 05 anos (2016 a 2021), utilizando os descritores “educação em saúde”, “pré-natal”, e “HIV”, conforme os Descritores em Ciências da Saúde, sendo estes combinados por meio do operador booleano “AND”, entrecruzados com os descritores citados.

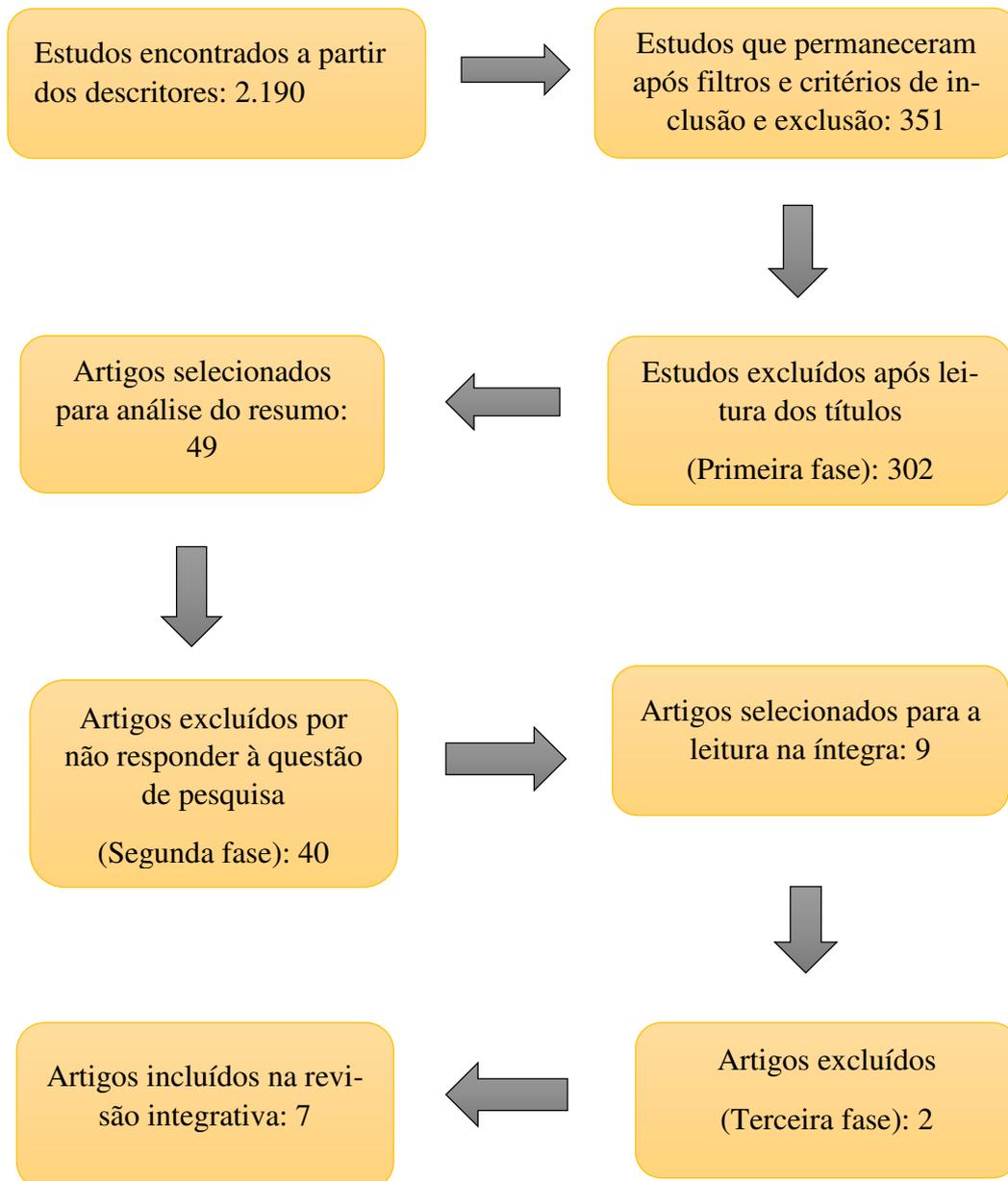
Foi estabelecido como critérios de inclusão: artigos originais publicados no idioma português, publicados nos últimos 05 anos (2016 a 2021) que aborde a temática em questão. Já os critérios de exclusão foram teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, editoriais, cartas ao leitor e produção duplicada.

A coleta de dados se concretizou com base no formulário estruturado validado por Ursi (2005), e adaptado para este estudo, apresentando as seguintes informações: identificação do artigo original a partir de seu título, autoria, objetivos da pesquisa, metodologia do estudo e principais desfechos, a serem extraídas dos artigos selecionados. Após a coleta foram explorados os principais dados encontrados nos artigos e foi feita uma contextualização dos resultados obtidos a partir da elaboração de quadros ilustrativos, a fim de explicar a caracterização das evidências.

O número de estudos encontrados a partir das três bases de dados foram 2.190 artigos. Destes, ao serem aplicados os critérios de inclusão e exclusão, obteve-se 351 artigos para a leitura dos títulos. Após a leitura dos títulos, mantiveram-se uma amostra de 49 artigos para análise dos resumos. Em seguida, após leitura dos resumos, percebeu-se que alguns estudos não

abordava a temática, excluindo-se 40 artigos. Após uma releitura mais detalhada, houve a necessidade de excluir mais 2 artigos, visto que os mesmos não respondiam a questão norteadora da pesquisa. E, por fim, restaram-se 7 artigos que foram incluídos na revisão integrativa. O fluxograma do processo de seleção dos artigos encontra-se na figura 01.

**Figura 01.** Fluxograma utilizado na seleção dos artigos.



**Fonte:** Autoria própria. Mossoró, 2021

#### 4. RESULTADOS

Os resultados da pesquisa se encontram logo abaixo distribuídos em dois quadros. Desse modo, foram extraídos alguns dos principais elementos de cada pesquisa encontrada, afim de melhor discutir cada estudo selecionado. Aspectos como o título do artigo, sua autoria, a metodologia, seus respectivos objetivos e os principais desfechos dos mesmos são apresentados afim de iniciar-se a discussão que vai compor a revisão integrativa.

Quadro 1. Descrição dos periódico/ano, títulos, autoria, método, objetivos e principais desfechos publicados nas bases de dados SCIELO, BVC E LILACS. Mossoró, 2021.

PERIÓDICO/ANO	TÍTULO	AUTORIA	MÉTODO	OBJETIVOS
Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn) (2018)	Tecnologias e práticas educativa para a prevenção vertical do HIV.	LIMA, <i>et al.</i>	Revisão integrativa da literatura com abordagem qualitativa.	Avaliar as evidências disponíveis sobre as tecnologias e práticas educativas para prevenção da transmissão vertical do HIV.
Revista Brasileira de Revisão de Saúde (2019)	Transmissão vertical do HIV em gestantes: consulta coletiva como estratégia para redução.	SANTOS, <i>et al</i>	Estudo de abordagem qualitativa	Conhecer a efetividade da consulta coletiva para as gestantes com HIV como uma estratégia para a redução da transmissão vertical.
Revista Brasileira de Revisão de Saúde (2019)	Infecções sexualmente transmissíveis na gestação: educação em saúde como estratégia de prevenção na atenção básica.	RICCI, <i>et al.</i>	Relato de experiência.	Relatar a experiência de acadêmicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) durante ação desenvolvida com o grupo de gestantes de uma Unidade de Básica

				de Saúde em Campo Grande-MS (UBS).
Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (2018)	Educação em saúde e HIV/AIDS: intervindo nas UBS de Campina Grande (PB)	SILVA, Camila; SOUZA, Maria; PATRIOTA; Lúcia M.	Relato de experiência.	Trazer resultados de ações extensionistas realizadas em UBS de Campina Grande-PB, em comunidades com maior incidência de DST's/Aids, através de trabalho socioeducativo.
Revista Eletrônica Acervo Saúde (2020)	Práticas de gestantes soropositivas para HIV sobre o autocuidado: Construção de Tecnologia Educacional em Saúde.	SERRÃO, <i>et al.</i>	Estudo descritivo, de natureza qualitativa, do tipo pesquisa participante.	Construir uma tecnologia educacional em saúde para gestantes soropositivas para HIV.
Acta Paul Enferm (2017)	Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV.	LIMA, <i>et al.</i>	Estudo metodológico em três etapas: levantamento bibliográfico, elaboração da cartilha e validação do material.	Descrever processo de construção e validação de cartilha educativa para prevenção da transmissão vertical do HIV.
Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (2020)	A construção de um aplicativo para o cuidado de enfermagem à gestante com HIV na atenção básica	RODRIGUES, <i>et al</i>	Estudo com abordagem metodológica	Construir um aplicativo para o cuidado de enfermagem a gestantes com HIV na Atenção Básica.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021.

Com base no quadro exposto foi verificado que dos 7 artigos selecionados, 4 foram retirados de periódicos da área de enfermagem e 3 de periódicos de saúde pública e coletiva. Em relação ao ano de publicação constatou-se que no ano de 2020 foram publicados 2 artigos, e a mesma quantidade de artigos se repetem para os anos 2019 e 2018. Já no ano 2017, apenas um artigo foi publicado. Quanto aos tipos de estudos, 60% correspondia a estudos descritivos de abordagem qualitativa, 20% foram relatos de experiência e 20% utilizou os métodos de abordagem metodológica.

Quadro 2. Descrição dos periódicos/ano, títulos, base de dados e principais desfechos dos artigos publicados nas bases de dados SCIELO, BVC E LILACS. Mossoró, 2021.

<b>PERÍODICOS/ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>BASE DE DADOS</b>	<b>PRINCIPAIS DESFECHOS</b>
Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (2018)	Tecnologias e práticas educativas para a prevenção vertical do HIV.	SCIELO	Encontrou-se 16 artigos publicados entre 2000 e 2014 que abordaram o uso da tecnologia dura por meio de vídeo, rádio e telefone por serem um método de ensino-aprendizagem lúdico que possibilita uma rápida transmissão de informações sobre a transmissão vertical do HIV e a importância dessas atividades educativas como ferramenta para a promoção da saúde para qualquer pessoa, independentemente da classe social ou escolaridade. Já em relação as tecnologias leves, encontrou-se como principal ferramenta o aconselhamento sobre a importância da adesão ao tratamento precocemente, tendo o enfermeiro como principal ator desse cenário.
Revista Brasileira de Revisão de Saúde (2019)	Transmissão vertical do HIV em gestantes: consulta coletiva	SCIELO	A partir da consulta coletiva com um grupo de gestantes, percebeu-se que esta ferramenta baseada nos principais pontos sobre o HIV, potencializou em grande grau de conhecimentos das gestantes acerca das mudanças nas atitudes,

	<p>tiva como estratégia para redução</p>		<p>conhecimento e prática a respeito da condição clínica, prevenção e na execução do tratamento correto, sendo relevante para redução da transmissão vertical.</p>
<p>Revista Brasileira de Revisão de Saúde (2019)</p>	<p>Infecções sexualmente transmissíveis na gestação: educação em saúde como estratégia de prevenção na atenção básica.</p>	<p>BVS</p>	<p>Foi realizado uma dinâmica de caráter lúdico com 6 gestantes em uma UBS localizada em Campo Grande (MS) para saber os mitos e verdades sobre as consequências das principais ISTs, estando incluso o HIV que acomete esse público. Houve um conhecimento prévio das gestantes sobre o tema, contribuindo o diálogo, a interação, a troca de experiências, saberes e vivências, e a construção conjunta do conhecimento, tornando-as ativas no processo de aprendizagem.</p>
<p>Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (2018)</p>	<p>Educação em saúde e HIV/AIDS: intervindo nas UBS de Campina Grande (PB)</p>	<p>LILACS</p>	<p>Foi realizado educação em saúde para gestantes e mulheres que participam do grupo de planejamento familiar, utilizando dinâmicas e dialógico-transformativa, oficinas temáticas, mostra de vídeos e rodas de conversas sobre sexualidade na gestação; DST/AIDS, abordando questões como: tipos de doenças sexualmente transmissíveis com ênfase no HIV/AIDS e formas de contaminação e de prevenção. Dessa forma, foi notado que esse modelo de educação contribuiu de forma positiva na saúde das gestantes e das mulheres envolvidas.</p>
<p>Revista Eletrônica Acervo Saúde (2020)</p>		<p>LILACS</p>	<p>Participaram do estudo 10 gestantes com HIV. Após ouvir seus</p>

	Práticas de gestantes soropositivas para HIV sobre o autocuidado: Construção de Tecnologia Educacional em Saúde.		questionamentos acerca da doença, foi construído um vídeo denominado “A gravidez em mulheres com HIV: vamos falar sobre?” afim de sanear suas dúvidas e fortalecer um vínculo maior entre profissional e paciente.
Acta Paul Enferm (2017)	Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV.	LILACS	Foi construída uma cartilha educativa para a prevenção da transmissão vertical (TV) do HIV, onde após julgamento de especialistas, foi aprovado com índice de 91,1%, concluindo-se que a cartilha deve ser considerada no contexto das atividades educativas como instrumento capaz de favorecer para a prevenção da transmissão vertical do HIV.
Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (2020)	A construção de um aplicativo para o cuidado de enfermagem à gestante com HIV na atenção básica.	BVS	Após uma revisão da literatura afim de obter evidências científicas, foi criado um aplicativo denominado “NursigGuide” voltado para os cuidados de enfermagem a gestantes com HIV na Atenção Básica. O aplicativo foi baseado em 8 tópicos de fácil acesso. Acredita-se que o uso desta tecnologia facilitará o acesso à informação no momento da consulta e pode ser validado posteriormente.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2021.

A partir do quadro 2 pode-se observar que dos 7 artigos selecionados, 60% foram retirados da base de dados LILACS, 20% da base de dados da SCIELO, e 20% da BVS. As ações de educação em saúde encontradas nos estudos tinham em sua essência, a promoção, prevenção e tratamento para as gestantes infectadas com o HIV, utilizando diferentes recursos metodológicos para alcançar tais objetivos, das quais se destacaram: o uso das tecnologias educativas leves como o acolhimento dessa gestante, o diálogo, a interação, a troca de experiências, saberes

e vivências, e a construção conjunta de cartilhas para melhor entendimento da doença. Outro tipo de tecnologia evidenciada nos estudos foram o uso das tecnologias educativas dura, onde se destacou a produção de vídeo, aplicativos, uso do rádio e do telefone para facilitar a compreensão e a rápida transmissão de informações para um maior grupo de gestantes que convivem com o HIV.

## 5. DISCUSSÃO

A fim de melhorar a compreensão das intervenções educativas encontradas nos estudos, foram separados didaticamente dois tópicos de acordo com o tipo de abordagem educativa desenvolvida em cada trabalho: “Uso das tecnologias leves para a prevenção do HIV” e o “Uso das tecnologias duras para a prevenção do HIV”. Vale salientar que não foi encontrada o uso da tecnologia leve-dura nos estudos selecionados.

### 5.1 USO DAS TECNOLOGIAS LEVES PARA A PREVENÇÃO DO HIV NO PRÉ-NATAL.

A maior parte dos estudos dessa revisão integrativa encontra-se neste tópico, totalizando 5 artigos. De acordo com o estudo de Lima et al (2018) que avaliou as evidências disponíveis sobre as tecnologias e práticas educativas para prevenção da transmissão vertical do HIV foi notório que o aconselhamento sobre a importância da adesão ao tratamento precocemente para a prevenção do HIV, tendo o enfermeiro como principal ator desse cenário, foi a principal tecnologia utilizada nos estudos analisados. Além disso, os autores também reafirmam que a tecnologia não deve ser vista apenas como algo concreto, mas pode ser resultado de um trabalho que envolve um conjunto de ações abstratas que apresentam uma finalidade específica, no caso a prevenção.

No estudo de Jordão et al (2016), observou-se que as gestantes durante o pré-natal, tinha um pouco de conhecimento acerca da transmissão vertical, mas outra parcela significativa se revelou desinformada sobre esse tipo de transmissão, constatando dessa forma, que, no pré-natal, o aconselhamento nem sempre acontece.

Colaborando com a mesma linha de pensamento, o estudo de Santos et al. (2019), traz em sua pesquisa, a importância desse aconselhamento utilizando a consulta coletiva para as gestantes com HIV como uma estratégia para a redução da transmissão vertical. Por meio de uma entrevista semiestruturada, participaram 8 gestantes com a utilização de um roteiro estruturado em duas partes: I) caracterização dos sujeitos e II) questões abertas quanto ao tema da investigação. Foi possível perceber que as gestantes tinham em média 32 anos, se autodeclaravam pardas, e que a maioria tinha baixo grau de escolaridade. Já em relação ao estado civil, uma mulher afirmou ser casada, três mulheres afirmaram ser solteiras, e quatro afirmaram conviver em união estável.

O perfil sociodemográfico dessas mulheres engloba uma série de fatores limitantes no processo saúde-doença, pois é evidente que quanto menor o grau de conhecimento sobre os fatores de risco para adquirir o HIV, maior será o índice de contaminação e transmissão.

Ainda falando sobre o mesmo estudo, Santos et al. (2019), ao questionar a forma como descobriram o diagnóstico, sete das oito mulheres relatam que souberam através de exames realizados durante a gestação, no pré-natal (teste rápido ou anti-HIV), enquanto apenas uma descobriu em exames de rotina.

Dessa forma, fica claro que através da consulta coletiva com o grupo de gestantes, mostrou-se como o melhor caminho para suprir as deficiências de conhecimento das gestantes soropositivas. Ratificando essa ideia, um estudo realizado por Spindola et al. (2015), afirma que através da dinâmica grupal, o indivíduo é levado a perceber a própria demanda, reconhecer o que já conhece e sentir-se estimulado a participar dos atendimentos individuais subsequentes.

Desta maneira, a efetivação da individualidade do cuidado humanizado é essencial às mães soropositivas, com a finalidade de prover meios para o enfrentamento das principais dificuldades vivenciadas por elas. Com isso, torna-se indispensável que os profissionais se aproximem da realidade dessas mulheres, ouvindo-as e permitindo que elas expressem todas as suas dúvidas (SANTOS et al., 2019).

Outro estudo realizado por Ricci et al. (2019), em uma Unidade Básica de Saúde em Campo Grande (MS), trouxe as experiências vivenciadas por um grupo de estudantes que desenvolveram uma ação educativa sobre as infecções sexualmente transmissíveis na gestação com o grupo de gestantes adscritas na referida unidade. No estudo, utilizaram-se como estratégia metodológica as dinâmicas lúdicas no sentido de estimular o interesse sobre o tema e a participação na construção do conhecimento. A princípio, a ação se deu inicialmente com a apresentação das gestantes e em seguida, através da roda de conversa. Foi mostrado imagens representando as doenças onde foi questionado quais os sinais e sintomas, tratamento e prevenção das ISTs. No terceiro momento foram abordados os mitos e as verdades a respeito das consequências destas infecções na gestação.

O uso da educação em saúde quando aplicado nos espaços de saúde potencializa a qualidade de vida uma vez que o conhecimento compartilhado nesses espaços constitui uma alternativa eficaz em se tratando da prevenção do HIV e das demais ISTs, como utilizando o preservativo de forma regular. É de suma importância que esse assunto seja trabalhado com as gestantes desde Atenção Primária à Saúde até atenção de alta complexidade, favorecendo dessa forma o binômio mãe-bebê.

Utilizando a mesma metodologia lúdica, outro relato de experiência foi desenvolvido por Silva; Sousa; Patriota (2017) onde entrevistou nas principais áreas com maior incidência de IST/Aids do município Campina Grande, na Paraíba. Desenvolveu-se oficinas temáticas, rodas de conversas e reflexões nas unidades básicas de saúde para os públicos que buscavam serviços como: teste rápido em HIV, gestantes e mulheres que participam do grupo de planejamento familiar tendo como enfoque principal a sensibilização para tal problemática.

Vale ressaltar que em ambos os estudos citados anteriormente, os grupos presentes possuíam certo conhecimento prévio sobre algumas ISTs, e ainda mencionaram o uso de preservativo como caráter protetivo (RICCI et al.2019). Entretanto, houve um desconhecimento por parte dos pacientes em relação aos sinais e sintomas e a forma de transmissão das ISTs abordadas em cada estudo.

Fica evidente que mesmo utilizando as diferentes formas de tecnologias leves citadas nos estudos, percebe-se ainda a fragilidade de desconhecimento da população sobre o tema devido o déficit da constância de práticas educativas nos espaços de saúde que geralmente realizam-se de forma esporádica em períodos específicos ao longo do ano, como por exemplo, o dezembro vermelho, mês da conscientização e combate ao HIV/Aids, ou em campanhas específicas.

Complementando os autores, Rufino et al. (2016) afirmam que as causas da contaminação e o desconhecimento de alguns tipos de ISTs podem estar relacionados ao constrangimento em falar sobre o problema, a abordagem superficial por parte de profissionais de saúde e/ou as relações de poder existentes entre mulheres e homens. Em soma a isso, Rigotto e Aguiar (2017) trazem em seu estudo, fatores ligados às questões de gênero, comportamento da população e cultura como consequência desse déficit de conhecimento. Ainda afirma que o público feminino é mais vulnerável para se infectar devido às características biológicas, anatômicas, nível de escolaridade, problemas de acesso e entendimento das informações.

Portanto, partindo do pressuposto que as atividades lúdicas podem potencializar a prevenção dessas infecções, por meio do diálogo, troca de experiências, saberes e vivências, são elementos evidenciados como importantes para a promoção da saúde e a prevenção de doenças, que devem ser elaborados enfatizando sobretudo, todos os pontos necessários para o entendimento desse público.

No estudo apresentado por Lima et al. (2017) foi criada uma cartilha para a prevenção da transmissão vertical do HIV intitulada com o tema “Como prevenir a transmissão do HIV de mãe para filho? Fique por dentro!”. Para sua realização, houve algumas etapas a serem percor-

ridas das quais foram: levantamento de conteúdo, tendo como base 15 publicações do Ministério da Saúde que tratassem dos cuidados que as mães devem ter para prevenção da TV-HIV, elaboração textual, seguido das confecções das ilustrações e finalizou-se com a diagramação. Os públicos alvos da pesquisa foram gestantes e puérperas com HIV, de duas maternidades de referência de Fortaleza-CE. Foram selecionadas 30 mulheres, sendo 23 gestantes e 7 puérperas.

A cartilha teve como estrutura os seguintes pontos: O que é HIV; Como descobrir se você tem HIV?; Como se transmite o HIV da mãe para o filho?; Página introdutória dos cuidados; Cuidados no pré-natal para prevenção da transmissão vertical do HIV; Cuidados no parto para prevenção da transmissão vertical do HIV; Cuidados após o nascimento da criança para prevenção da transmissão vertical do HIV; Fechamento da cartilha.

Considerou-se o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) mínimo de 0,78 para validação de conteúdo e concordância mínima de 75% para validação de aparência. Após sua validação por juízes especialistas na área (0,87% de aprovação) foi proposto também que as gestantes e puérperas também avaliassem a cartilha no que diz respeito a aparência da cartilha e o grau de entendimento da mesma. Com isso, cerca de 98% avaliaram de forma positiva (LIMA et al., 2017). Vale salientar que não existem dados sobre a aplicabilidade clínica desse instrumento utilizado pelos autores.

A utilização de materiais educativos validados para aplicação em pessoas com HIV é relatada na literatura de forma frequente. O seu uso é de extrema importância para a população uma vez que esse instrumento pode possibilitar uma interação das pessoas com as tecnologias informativas proporcionando conhecimento sobre a doença. Uma vez que esse material é validado, o seu grau de efetividade torna-se relevante e, conseqüentemente, sua implementação contribui para a promoção e prevenção do HIV.

Estudos com cartilhas validadas por juízes são aplicáveis a qualquer faixa etária e público. Corroborando com o estudo anterior, Cordeiro et al. (2017), apresenta em sua pesquisa, a validação de uma cartilha educativa para prevenção de HIV em idosos. Os autores utilizaram 9 juízes especialistas, e a organização do formulário de avaliação se deu em objetivos, conteúdo, linguagem, ilustrações, layout e conteúdo. O material desenvolvido apresentou um índice de validade de conteúdo de 0,91 de satisfação.

Outros estudos utilizaram a mesma metodologia de validação de cartilhas semelhante ao estudo citado anteriormente. O estudo de Dias (2018), teve como objetivo desenvolver e validar uma tecnologia em saúde do tipo cartilha de orientação à estimulação motora precoce voltada para crianças de 0 a 12 meses de idade expostas ao HIV. O estudo contou com a parti-

cipação de 12 especialistas que avaliaram 18 itens distribuídos em 3 domínios (Objetivos, Estrutura e Relevância). Todos os itens dos domínios foram considerados adequados ou totalmente adequados por parte dos especialistas. Todavia, foram feitas algumas sugestões pelos especialistas, que ao final, o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) global foi de 0,95, tendo o instrumento validado que poderá ser utilizado para estimulação precoce das crianças expostas ao HIV.

Desse modo, a tecnologia do tipo leve tem sido a mais preponderante dentre as utilizadas nesse contexto. Acredita-se que o uso deste material “cartilha educativa” tanto para mulheres com HIV, gestantes e crianças facilitará a prática da enfermagem baseada em evidências científicas, considerando que se constitui em uma tecnologia ilustrada capaz de favorecer o diálogo entre profissionais e pacientes, facilitando dessa forma a aquisição de conhecimentos por parte destes e por serem de fácil acesso por todos.

## 5.2 USO DAS TECNOLOGIAS DURAS PARA A PREVENÇÃO DO HIV NO PRÉ-NATAL.

Em se tratando das tecnologias duras ofertadas no Sistema Único de Saúde foram encontradas na literatura 2 artigos que retratam essas tecnologias no contexto do HIV em gestantes.

Esse tipo de tecnologia gera novas demandas aumentando a intensidade do trabalho, demandando a multidisciplinaridade do conhecimento e trabalhadores com especialidades diversas e complementares. O processo de inovação é complexo, não linear, incerto e requer interação entre os profissionais, instituições e gestores (SALVADOR et., 2012).

Serrão et al., (2020) realizou seu estudo em um centro de referência em HIV/AIDS da rede pública localizado em Belém no Pará, com participação de 10 gestantes que realizam o pré-natal no cenário em questão. A princípio foi exibido um vídeo do Ministério da Saúde com informações à cerca da perspectiva de uma mulher grávida com HIV ter um filho sem o vírus e a importância dos cuidados da gravidez em linhas gerais. Após a exibição do filme foram feitas algumas perguntas a respeito da gestação, onde 70% não tinha conhecimento sobre o autocuidado durante a gestação, 50% das participantes alegaram sobre a importância de saber como expressar a respeito da necessidade do apoio familiar durante o pré-natal e puerpério, 80% apresentavam dúvidas de como realizar o enfrentamento com a sociedade a respeito da gravidez

e a soropositividade para HIV. Quando indagadas sobre qual tipo de tecnologia educacional deveria ser construída ao final do estudo, todas (100%) das participantes pontuaram a elaboração de um vídeo educacional contendo as respostas para os questionamentos mais recorrentes por elas.

Percebe-se o quanto a população tem necessidade de acesso às informações devido a fragilidade da procura dos serviços de saúde e em consequência disso, aumenta-se os riscos associados à realização da prática sexual sem proteção e as crenças pessoais de que durante a gestação não se contrai o HIV, não exista tratamento adequado durante a gestação e que o conceito não será infectado. Ademais, existe vários locais do Brasil onde não existe um atendimento integral para cobrir toda população necessitada, contribuindo dessa forma, na sustentação da transmissão do HIV.

O vídeo “A gravidez em mulheres com HIV: vamos falar sobre?”, foi desenvolvido em forma de perguntas e respostas por meio de frases objetivas e imagens coloridas para ser mais atrativo para as leitoras. Com relação ao conteúdo contido no vídeo foram pontuados os principais questionamentos realizados pelas gestantes durante a roda de conversação, no qual foi possível destacar a importância da realização do pré-natal e as medidas de autocuidado primordiais para a não transmissão vertical (SERRÃO, 2020).

Diante disso, percebe-se a importância de desenvolver uma assistência individual e singular às mulheres grávidas infectadas com HIV e a utilização de ferramentas educacionais é observada como forma de ajudar no processo de auxílio para essas gestantes sobre a realização do autocuidado.

Assim, podemos considerar que a ferramenta de ensino citado no estudo acima, utiliza-se de uma inovação tecnológica em favor da saúde, contribuindo dessa forma na qualidade e efetividade do cuidado de maneira a proporcionar uma vida mais saudável.

Apoiado nessa linha de pensamento, Salvador et al., (2012) reconhece que o enfermeiro deve estar em constante processo de capacitação profissional, pesquisando e reconhecendo as novas tecnologias duras, identificando seus conceitos e aplicando novos adventos tecnológicos ao processo de cuidar em saúde.

Também podemos destacar o estudo de Rodrigues et al., (2020) que construíram um aplicativo para o cuidado de enfermagem a gestantes com HIV na atenção básica do município de Fortaleza. Em seu estudo, os autores destacam o uso de aplicativos no contexto da saúde a partir de elementos intrínsecos a essa nova tecnologia, como por exemplo: mobilidade, acessibilidade, capacidade contínua de transmissão de informações, por muitas vezes em tempo real,

além de trazer elementos de multimídia e geolocalização. Alguns disponibilizam jogos que podem ser facilmente inseridos em condutas terapêuticas e de cuidados à saúde.

Dessa forma, o aplicativo reconhecido como “Nursig Guide” foi construído para o público alvo de enfermeiros da atenção básica, com a finalidade de promover melhoria na atuação do enfermeiro no momento da consulta pré-natal. Assim, facilitar a aquisição de conhecimentos e tomada de decisões, além da praticidade, já que o usuário pode utilizar a qualquer hora do dia, sem limitações, por ser um aplicativo de uso pessoal, em seu próprio aparelho celular. A seleção do conteúdo do aplicativo foi baseada na literatura pertinente a temática organizada em tópicos para favorecer o entendimento das usuárias e ao próprio enfermeiro ao manuseio.

Foram desenvolvidos 8 tópicos, na seguinte ordem: HIV e Aids, aconselhamento do teste rápido, consulta pré-natal, direitos e deveres, adesão ao tratamento, terapia antirretroviral, saúde mental da gestante e a transmissão vertical. Para cada tópico, foram incluídos subtópicos que detalham as condutas e as consultas pré-natais à gestante com HIV, assim o enfermeiro poderia usar para a realização das consultas de enfermagem (RODRIGUES et al., 2020).

Fica claro que a realização desse estudo proporcionou a criação de um aplicativo que permitiu, de maneira clara e direta, orientar os enfermeiros no cuidado às gestantes que vivem com HIV na atenção Básica. E em soma a isso, acredita-se que o uso dessa tecnologia facilitou o acesso à informação no momento da consulta, levando em consideração de que alguns profissionais podem ter dificuldades em consultar manuais de procedimentos, principalmente porque a maioria desses manuais são muitos extensos.

Outros estudos também utilizaram a mesma tecnologia para compartilhar saúde. Um exemplo foi o trabalho desenvolvido por Lima et al., (2018) que usou o aplicativo *Whatsapp* para realizar o acompanhamento de pessoas que vivem com HIV e Aids em dois serviços de atenção especializada, que por meio de atendimento virtual obteve os depoimentos dos participantes em relação as dificuldades com o tratamento medicamentoso, atraso ou perda da dose do antirretroviral, efeitos colaterais, associação entre antirretroviral e bebida alcoólica, alterações emocionais; hábitos de vida, entre os pontos.

Foi possível perceber que o uso do *Whatsapp* proporcionou acessibilidade do paciente ao profissional de saúde, fornecendo uma via de comunicação aberta e imediata, de maneira a tornar os pacientes mais seguros para superarem as dificuldades com o tratamento e além disso, demonstrou ser uma via potencial para o esclarecimento de dúvidas e a promoção da adesão ao tratamento.

Portanto, destaca-se que as tecnologias duras encontradas na literatura pelo autor, tem um alto grau de importância assim como a leve, por ser de fácil aplicabilidade e aceitação do

público, fortalecendo cada vez mais a criação de diversas alternativas tecnologias lúdicas para aplicar nos espaços onde oferte de saúde.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu constatar que as ferramentas utilizadas pelos autores garantem uma eficácia na prevenção do HIV quando implementado de forma precoce e constante, encontrando na literatura diversas estratégias como cartilhas, rodas de conversas, grupos de gestantes, uso de aplicativos e jogos educativos no pré-natal e principalmente na prevenção da transmissão vertical.

Seguindo a hipótese do trabalho pré-estabelecida no início da pesquisa, de fato foram encontrados diversas ferramentas das quais trazem a tecnologia leve como a mais utilizada principalmente na atenção primária à saúde, coordenadora do cuidado e referência no quesito prevenção de agravos, onde era na UBS que se realizava as palestras, rodas de conversas e jogos educativos, todavia, em algumas ocasiões, foi notório também o uso de vídeos e aplicativos enquadrados nas tecnologias duras voltados para a prevenção da transmissão vertical.

Os desafios encontrados nesta pesquisa foram em relação a não existir muitos estudos que abordassem a temática do trabalho, uma vez que maioria dos artigos trouxeram um olhar mais direcionado para a prevenção da transmissão vertical e não sua prevenção iniciada já no pré-natal como se esperava na hipótese traçada neste estudo. Além disso, o tempo e o idioma em português foram limitados nas buscas das bases de dados o que dificultou de certa forma para uma construção mais ampliada sobre o tema.

A revisão também destacou a importância do enfermeiro como protagonista contribuindo de forma ímpar para a prevenção da transmissão vertical do HIV através da orientação no momento da consulta, propor novas intervenções que promovam a adesão do tratamento, bem como realizar uma escuta acolhedora instruindo a gestante de como deve ser seguido um pré-natal de risco, orientando a gestante a permanecer vinculada a unidade de saúde que ela se encontra.

Também foi visto a necessidade da criação de novos métodos de ensino aos profissionais de enfermagem, pois, como foi destacado, estes são os que mais atuam junto as gestantes durante o pré-natal. É preciso desenvolver e sustentar políticas de ensino a estes profissionais, principalmente no que diz respeito à abordagem destes no início do processo, pois é uma das maiores dificuldades demonstradas pelos enfermeiros segundo a literatura, confirmando que o conhecimento sobre as práticas sexuais seguras poderá contribuir para a redução dos casos de HIV em gestantes, pois ações educativas pontuais apresentadas mediram o alcance positivo dessas informações.

Este trabalho contribui, dessa forma, para pontuar e destacar a importância do profissional de enfermagem dentro do contexto da promoção, prevenção e recuperação do binômio mãe-bebê, assim como na presença deste no contexto do puerpério. Desse modo, este estudo pode deixar contribuições para apontar a relevância e a preocupação de cada vez mais desenvolver novos estudos voltados para a prevenção do HIV desde o primeiro momento da gestante com o pré-natal para que esse processo se concretize de maneira plena.

## REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Sonia. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 61, n. 1, p. 117-121, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/19.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- ALENCAR, Rodrigo Conti Vieira de. **A vivência da ação educativa do enfermeiro no programa saúde da família (PSF)**. 2006. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/GCPA-6VMQ4U/1/rodrigo\\_conti\\_vieira\\_de\\_alencar.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/GCPA-6VMQ4U/1/rodrigo_conti_vieira_de_alencar.pdf). Acesso em: 20 mar. 2021.
- ARAUJO, Willamis José et al. Percepção de enfermeiros executores de teste rápido em Unidades Básicas de Saúde. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.71, supl. 1, p. 631-636, 2018. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v71s1/pt\\_0034-7167-reben-71-s1-0631.pdf](http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v71s1/pt_0034-7167-reben-71-s1-0631.pdf). Acesso em: 01 abr. 2021.
- BARBOSA, Flávia Isabela et al. Caracterização das práticas de educação em saúde desenvolvidas por enfermeiros em um município do centro-oeste mineiro. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 195-203, 2010. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/106>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- BARRETO, Ana Cristina Oliveira et al. Percepção da equipe multiprofissional da Atenção Primária sobre educação em saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 72, supl. 1, p. 266-273, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v72s1/pt\\_0034-7167-reben-72-s1-0266.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v72s1/pt_0034-7167-reben-72-s1-0266.pdf). Acesso em: 21 mar. 2021.
- BARROS, Valéria Lima de et al. Fatores que interferem na adesão de gestantes com HIV/Aids à terapia anti-retroviral. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 24, n. 4, p. 396-403, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40820855016.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Enfermagem e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, de 26 jun 1986. p. 9.273. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7498.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7498.htm). Acesso em: 20 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica. **Atenção ao pré-natal de baixo risco**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. **GUIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE: Infecção pelo HIV e Aids**. 2.ed. Brasília-DF. 2017. 228 p. v. único.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 569, de 01 de junho de 2002. **Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV, Sífilis, e Hepatites Virais**. Brasília – DF, 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Gestação de alto risco: manual técnico**. 5. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. **Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico: HIV Aids 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

CARDOSO, Raquel Ferreira et al. Educação em saúde na assistência pré-natal: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 23, p. 397, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/397/410>. Acesso em: 26 mar. 2021.

CARVALHO, Aline Tomaz de; OLIVEIRA, Mariana Gonçalves de. Nietzsche EA, Teixeira E, Medeiros HP, organizadores. Tecnologias cuidativo-educacionais: Uma possibilidade para o empoderamento do (a) enfermeiro (a)? Porto Alegre (RS): Moriá; 2014. **Rev Rene**, v. 15, n. 1, p. 185-186, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324030684023.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DUTRA SEHNEM, Graciela et al. Consulta de pré-natal na atenção primária à saúde: fragilidades e potencialidades da intervenção de enfermeiros brasileiros. **Revista de Enfermagem Referência**. Coimbra, n. 1, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/REF\\_jan2020\\_e19050\\_port.pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/REF_jan2020_e19050_port.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.

GIRÃO, Renata Vieira et al. Educação em saúde sobre a dengue: contribuições para o desenvolvimento de competências. **Rev. Pesqui.**, p. 38-46, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2659-17827-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GUERREIRO, Eryjosy Marculino et al. Educação em saúde no ciclo gravídico-puerperal: sentidos atribuídos por puérperas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 67, n. 1, p. 13-21, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672014000100013&script=sci\\_arttext#B02](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672014000100013&script=sci_arttext#B02). Acesso em: 26 mar. 2021.

JORDÃO, Bruna Amato et al. Conhecimento da gestante sobre o HIV e a transmissão vertical em São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 18, n. 2, p. 26-34, 2016.

LIMA, A. C. M. A. C. C. et al. Tecnologias e práticas educativas para prevenção da transmissão vertical do HIV. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 71, supl. 4, p. 1862-71, 2018.

LIMA, Ana Carolina Maria Araújo Chagas Costa et al. Construção e Validação de cartilha para prevenção da transmissão vertical do HIV. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 2, p.

LIMA, Ana Carolina Maria Araújo Chagas Costa et al. Tecnologias e práticas educativas para prevenção da transmissão vertical do HIV. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 4, p. 1759-1767, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s4/pt\\_0034-7167-reben-71-s4-1759.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s4/pt_0034-7167-reben-71-s4-1759.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

MACHADO, Andressa Guimarães et al. Análise compreensiva dos significados de estar gestante e ter HIV/AIDS. **Rev Rene**. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 79-85, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027970009.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

- MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci_arttext). Acesso em: 25 abr. 2021.
- MOURA, Josely Pinto de; FARIA, Michele Rodrigues de. Caracterização e perfil epidemiológico das pessoas que vivem com HIV/Aids. **Rev. enferm.**, p. 5214-5220, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/22815-76759-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 abri. 2021.
- OUCHI, Janaina Daniel et al. O papel do enfermeiro na unidade de terapia intensiva diante de novas tecnologias em saúde. **Rev Saúde em Foco**, v. 10, p. 412-428, 2018. Disponível em: [http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/07/054\\_O\\_PAPEL\\_DO\\_ENFERMEIRO\\_NA\\_UNIDADE\\_DE\\_TERAPIA\\_INTENSIVA.pdf](http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/07/054_O_PAPEL_DO_ENFERMEIRO_NA_UNIDADE_DE_TERAPIA_INTENSIVA.pdf). Acesso em: 23 mar 2021.
- PADOIN, Stela Maris de Mello et al. Vulnerabilidade materno-infantil: fatores de (não) adesão à profilaxia da transmissão vertical do HIV. **REME rev. min. Enferm.** Belo Horizonte, p. 443-452, 2011. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/57>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- PASSOS, Suzana Cordeiro da Silva et al. Aconselhamento sobre o teste rápido anti-HIV em parturientes. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 278-287, jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rbepid/2013.v16n2/278-287/> Acesso em: 02 abr. 2021.
- REGO, Ádria Bárbara Paz et al. Infecção pelo vírus da imunodeficiência humana em gestantes de município da região amazônica. **Revista FAMA de Ciências da Saúde.** Pombal PB, v. 1, n. 3, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/4001-15193-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- RICCI, Ana Patrícia et al. Infecções sexualmente transmissíveis na gestação: educação em saúde como estratégia de prevenção na atenção básica. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 1, p. 565-570, 2019.
- RODRIGUES, Bruna Vitória Barros; ABREU, Maria Synthia Miranda. **A construção de um aplicativo para o cuidado de enfermagem à gestante com HIV na atenção básica.** 2020. Tese de Doutorado.
- SALCI, Maria A.; MACENO, Priscila; ROZZA, Soraia G.; SILVA, Denise M.G.V.; BOEHS, Astrid E.; HEIDEMANN, Ivonete T.S.B. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, 224-30, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt\\_27.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_27.pdf). Acesso em: 14 mar. 2021.
- SANTOS, Karolayne Lima et al. Transmissão vertical do HIV em gestantes: consulta coletiva como estratégia para redução. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 66920-66931, 2020.
- SANTOS, Talissa Rangel Lessa dos; CARVALHO, Aline Cunha Gama. Cuidados com as gestantes portadoras de HIV e a prevenção da transmissão vertical. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 5, n. 5, 2019. Disponível em: <http://reinpec.org/reinpec/index.php/reinpec/article/view/437/358>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SCHERER, Lúgia Maria; BORENSTEIN, Miriam Süsskind; PADILHA, Maria Itayra. Gestantes/puérperas com hiv/aids: conhecendo os déficits e os fatores que contribuem no engajamento para o autocuidado. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 359-365, jun. 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000200017&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000200017&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 31 mar. 2021.

SERRÃO, Jeane Rodrigues Miranda et al. Práticas de gestantes soropositivas para HIV sobre o autocuidado: Construção de Tecnologia Educacional em Saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 38, p. e1562-e1562, 2020.

SILVA, Camila Rachel Lira; DE SOUZA, Maria do Socorro Pontes; PATRIOTA, Lúcia Maria. Educação em saúde e HIV/AIDS: intervindo nas UBS de Campina Grande (PB). **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 2017.

SILVA, Daniele Maciel de Lima; CARREIRO, Flávia de Araújo; MELLO, Rosâne. Tecnologias educacionais na assistência de enfermagem em educação em saúde: revisão integrativa. **Rev. enferm.**, p. 1044-1051, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/13475-34183-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/13475-34183-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 21 mar. 2021.

SILVA, Lenise Dias da et al. O enfermeiro e a educação em saúde: um estudo bibliográfico. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 2, n. 2, p. 412-419, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2676/3769>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SIQUEIRA, Mariana Santiago. **Programa de educação em saúde para estudantes da Escola Estadual Tuiuti**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, RS, 2012.

SOUZA, Viviane Barbosa de; ROECKER, Simone; MARCON, Sonia Silva. Ações educativas durante a assistência pré-natal: percepção de gestantes atendidas na rede básica de Maringá-PR. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 199-210, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/10162/9621>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SPINDOLA, Thelma et al. USO E NEGOCIAÇÃO DE PRESERVATIVOS POR ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM. **Revista Científica de Enfermagem-Recien**, v. 10, n. 32, 2020.

TIBES, Chris Mayara et al. Desenvolvimento de recursos educacionais digitais para o ensino em enfermagem. **Rev. enferm.**, p. 1326-1334, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/13972-35710-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

URSI, Elizabeth Silva; GAVÃO, Cristina Maria. Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 124-131, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n1/v14n1a17.pdf> Acesso em: 25 abr. 2021.

